

A VIOLAÇÃO DA CONDIÇÃO C EM KADIWÉU*

(Condition C Violation in Kadiwéu)

Filomena SANDALO

(Unicamp)

ABSTRACT: Although kadiwéu presents the same typological facts as the languages analyzed by Baker (1995), this work shows that Baker's polysynthesis parameter, according to which polysynthetic languages are pronominal argument languages, cannot be applied to this language. This paper offers, then, an alternative analysis to the pronominal argument theory for kadiwéu by arguing that nominal phrases are the verbal arguments in this polysynthetic language, like in any other better known language. On this view, one of the main properties of the polysynthetic languages, the so-called Condition C violation (e.g. $\langle \rangle_i$ wants John_i to love Mary, $\langle \rangle_i$ broke John_i's knife), follows from syntactic movement due to the nature of the Kadiwéu v-system. That is, this paper questions the existence of a polysynthesis parameter and develops Fukui & Speas (1996) insight that the syntax of a given language follows from the functional categories present in this language's lexicon.

KEY-WORDS: polysynthesis parameter; non-configurationality; pronominal arguments; ergativity

RESUMO: Apesar de o kadiwéu apresentar as mesmas características tipológicas das línguas analisadas por Baker (1995), este trabalho mostra que o parâmetro da polissíntese proposto por Baker, de acordo com o qual as línguas polissintéticas seriam línguas de argumentos pronominais, não se sustenta para esta língua. Este artigo oferece, então, uma análise alternativa à teoria dos argumentos pronominais para o kadiwéu

* Agradeço à FAPESP pela realização deste trabalho sob a bolsa de pós-doutoramento (processo 98/01831-1). Este trabalho somente foi possível devido a genialidade de meu informante Hilário Silva, a quem agradeço de coração. Agradeço também a toda a comunidade kadiwéu por ter me recebido e aceitado com tanto carinho. Gostaria também de agradecer a algumas pessoas, cujos comentários me levaram a uma revisão de minha análise no decorrer de vários anos de reflexão e coleta de novos dados: Sally Thomanson, Eloise Jelinek, Ken Hale, Wayne O'Neil, Noam Chomsky, Peter Gordon, Luciana Storto, João Costa, Charlotte Galves, Helena Britto, Jairo Nunes, Norbert Hornstein e os revisores anônimos da revista DELTA..

sustentando que sintagmas nominais são argumentos verbais nesta língua polissintética, como em qualquer outra língua melhor conhecida. Nesta perspectiva, uma das características principais das línguas polissintéticas, a suposta violação da Condição C (e.g. < >_i; quer que João_i, ame Maria, < >_i; quebrou a faca do João_i), deriva de movimento sintático decorrente da natureza do sistema-v do kadiwéu. Este texto, assim, questiona a existência de um parâmetro da polissíntese e desenvolve um insight de Fukui & Speas (1996) que prevê que a sintaxe de uma dada língua decorre das categorias funcionais presentes no léxico desta língua.

PALAVRAS-CHAVE: parâmetro da polissíntese, não-configuracionalidade, argumentos pronominais, ergatividade

1. Introdução

De acordo com a teoria de Princípios e Parâmetros, a diversidade lingüística é derivada através da possibilidade de classificar as línguas de acordo com parâmetros binários. Um exemplo que tem se tornado clássico como um exemplo de parâmetro no sentido acima é o chamado “parâmetro da polissíntese” (Baker 1995). De acordo com esta perspectiva, as línguas do mundo seriam divididas entre aquelas línguas cujos argumentos verbais são exclusivamente pronominais e línguas cujos argumentos são nominais. De acordo com Baker (1995), todas as línguas polissintéticas são do primeiro tipo e, portanto, o rótulo “parâmetro da polissíntese”. Este texto, partindo de dados da língua kadiwéu, analisa certas estruturas típicas de línguas polissintéticas, a saber, estruturas que aparentam violar a Condição C da Teoria da Ligação, e desloca o fenômeno do âmbito de uma análise paramétrica à la Baker (1995). Este trabalho argumenta que os fatos do kadiwéu podem ser analisados de maneira muito mais coerente se configuracionalidade e movimento são invocados, questionando, portanto, a validade do parâmetro da polissíntese.¹

¹ O kadiwéu é uma língua da família Guaikurú falada por uma média de 1000 índios distribuídos sobre uma área de 60.000 hectares no Mato Grosso do Sul. Os kadiwéus são os únicos descendentes dos índios mbyás, os quais dominaram no século dezoito uma grande área do Chaco brasileiro e paraguaio (Sanchez Labrador 1760). As línguas da família Guaikurú permanecem apenas parcialmente descritas. Um rascunho de uma gramática e dicionário datados de 1760 por Sanchez Labrador (publicados em Susnik 1971) é o único material disponível sobre o mbyá.

Uma olhada superficial na sintaxe das línguas naturais nos mostra que há línguas que seguem uma ordem fixa de constituintes (inglês, por exemplo) e línguas que seguem uma ordem bastante variável de palavras (japonês e walpiri, por exemplo). Hale (1983) reuniu sob o rótulo de *não-configuracionais* as línguas do segundo tipo. A possibilidade de existir línguas verdadeiramente não-configuracionais (isto é, onde uma configuração sintática inexistente), entretanto, questiona a premissa básica do gerativismo de que relações sintáticas são definidas estruturalmente. Assim, as línguas com uma ordem variável de constituintes passaram a receber uma atenção especial dos gerativistas na década de oitenta.

As línguas que receberam o rótulo de não-configuracionais podem ser sub-divididas em dois blocos principais: aquelas com morfologia muito rica (polissintéticas) e aquelas cuja morfologia é pobre. Desde Saito (1985), as línguas do segundo bloco (de morfologia pobre) deixaram de ser vistas como não-configuracionais. A aparente ordem livre de constituintes destas línguas tem sido demonstrada ser derivada de movimentos sintáticos em uma estrutura frasal fixa presente na estrutura subjacente. Este tipo de abordagem justifica-se pelo fato de estas línguas nunca violarem nenhum princípio da Teoria da Ligação (Chomsky 1981), evidenciando uma estrutura configuracional. Algumas línguas polissintéticas, entretanto, apresentam estruturas que aparentam violar a Condição C da teoria da Ligação, a qual proíbe coindexação de uma expressão R com um elemento nominal que a c-comande, e este fato impediu a mesma argumentação para estas línguas, que continuaram a ser vistas como não-configuracionais.

As línguas polissintéticas permitem apagamento de qualquer sintagma nominal e a Condição C parece ser violada quando um sintagma nominal argumento externo é apagado em várias destas línguas. Nesta situação, o

Sanchez Labrador coletou seus dados nas proximidades de Assunção, Paraguai, portanto seus dados representam um dialeto que possivelmente já diferia do ascendente imediato do kadiwéu. A documentação do kadiwéu propriamente dito também ainda não está completa. Aspectos fragmentários da língua kadiwéu foram discutidos por Griffiths & Griffiths (1976), Braggio (1981), Griffiths (1973), (1987) e (1991). Uma primeira gramática e dicionário da língua foram publicados em Sandalo (1995) e uma versão reduzida e revisada desta mesma gramática foi republicada em Sandalo (1997).

argumento externo nulo pode ser coindexado com um sintagma nominal em posições c-comandadas por este argumento externo:²

Mohawk (Baker 1995)

- | | | | |
|-----|---|-----|-----------------|
| (1) | Wá'-t-há-ya'k-e' | Sak | raó-[a]'share'. |
| | fact-dup-1sS-quebrar-PUNC | Sak | MsP-faca |
| | '< > _i quebrou a faca do Sak _i .' | | |

Kadiwéu

- | | | | |
|-----|--|------|-----------|
| (2) | inoqe | Joao | lod:a:jo |
| | y-no-qen | Joao | l-od:a:jo |
| | 3ERG-quebrar-tran | João | POSS-faca |
| | '< > _i quebrou a faca do João _i .' | | |

Kadiwéu

- | | | | | | |
|-----|---|-----------|----------------|-------------|--------------|
| (3) | yowoGodi | me | yema: | João | Maria |
| | <i>y-owo-God</i> | <i>me</i> | <i>y-ema:n</i> | <i>João</i> | <i>Maria</i> |
| | 3ERG-saber-tran | COMP | 3ERG-gostar | João | Maria |
| | '< > _i sabe que João _i gosta de Maria.' | | | | |

Com o questionamento da Hipótese Lexicalista de Chomsky (1970) (Anderson 1982, entre outros), segundo a qual a sintaxe seria cega para a morfologia, surge a primeira tentativa de abordar as línguas polissintéticas dentro do gerativismo. Jelinek (1984) explica as propriedades das línguas não-configuracionais/polissintéticas propondo que as línguas escolhem os elementos que podem funcionar como argumentos verbais. De acordo com Jelinek, clíticos e afixos pronominais são os argumentos verbais nas lín-

² Este texto adota o alfabeto IPA para a transcrição do kadiwéu, com as seguintes exceções: G representa uma fricativa uvular, c representa uma africada alveo-palatal surda e j representa uma africada alveo-palatal sonora. As seguintes abreviações foram usadas para os dados do kadiwéu: 1,2,3 = primeira, segunda e terceira pessoa respectivamente, NOM= caso nominativo, ACC = caso acusativo, ERG = caso ergativo, tran = transitivizador, POSS = possessivo, pl = plural, sg = singular, OBL = oblíquo, DEM = demonstrativo, rel = relacional, inten = intensivo, compl = aspecto completivo, masc = masculino, atel = atético, QU = partícula interrogativa, COMP = complementizador, class = classificador, m.dim = diminutivo masculino, alnbl = nome alienável, dir = direcional, OBJ IND/OI = argumento interno indireto, intras = intransitivizador. O símbolo de interrogação “?” indica que a glosa de um dado morfema continua desconhecida na descrição do kadiwéu.

guas polissintéticas; sintagmas nominais são adjuntos, e portanto eles podem assumir qualquer ordem (sendo recursivos) ou ser omitidos. Esta proposta é bastante controversa, entretanto. A existência de morfologia flexional funcionando como argumentos continua questionando a premissa gerativista de que relações sintáticas são estabelecidas estruturalmente. Uma análise alternativa é dizer que os morfemas verbais não substituem os argumentos convencionais, mas que não-configuracionalidade não é nada mais que um caso obrigatório de *pro-drop*. Baker (1995), por exemplo, argumenta que sintagmas nominais são adjuntos em Mohawk, mas ele nega que a flexão verbal possa funcionar como argumentos. De acordo com Baker, os argumentos verbais são a categoria vazia *pro* que ocupa as projeções verbais. Restabelece-se, assim, uma configuração sintática, mas uma língua como Mohawk continua sendo vista como uma língua não-configuracional porque os sintagmas nominais são tidos como adjuntos, não participando, portanto, de nenhuma configuração sintática específica. A hipótese de que sintagmas nominais são adjuntos e argumentos são pronomes (sejam eles clíticos e afixos ou pronomes vazios) ficou sendo chamada *teoria dos argumentos pronominais*.

Na seção 2 apresento, através de uma visão geral da sintaxe do kadiwéu, as principais características atribuídas às línguas polissintéticas. Na seção 3 apresento fatos que evidenciam que, embora o kadiwéu apresente as propriedades que levaram autores a classificar línguas da mesma tipologia como línguas de argumentos pronominais, a teoria dos argumentos pronominais não é sustentável para o kadiwéu, tanto na versão de Baker como na de Jelinek. A seção 4 apresenta uma análise da sintaxe do kadiwéu demonstrando que há evidência suficiente para analisarmos esta língua como configuracional. A seção 5 apresenta uma análise alternativa para os fatos relacionados à aparente violação da Condição C e a seção 6 apresenta algumas conclusões deste trabalho.

2. Características gerais das línguas polissintéticas

Muitas das línguas indígenas brasileiras têm uma ordem variável de constituintes (o próprio português europeu têm uma ordem de constituintes muito mais variável do que muitas línguas européias, ver Costa 1998), mas nem todas as línguas de ordem variável podem ser classificadas como línguas não-configuracionais. As línguas chamadas de não-configuracionais

por Hale (1983), além de apresentarem uma ordem bastante variável de constituintes, são caracterizadas por apresentarem sintagmas nominais descontínuos, sintagmas nominais recursivos e por um intenso apagamento de sintagmas nominais. O kadiwéu apresenta todas estas características.

As sentenças matrizes do kadiwéu envolvendo um argumento externo e um argumento interno de terceira pessoa podem aparecer em qualquer das seguintes ordens: OVS, VOS, SOV, OSV, SVO, e VSO, como pode ser observado abaixo:³

(4)	Maria <i>Maria</i> Maria	n:adi <i>y-n:ad</i> 3ERG-ver	Gatodi. <i>Gatodi</i> tucano	SVO
(5)	n:adi <i>y-n:ad</i>	Gatodi <i>Gatodi</i>	Maria. <i>Maria</i>	VOS
(6)	Maria <i>Maria</i>	Gatodi <i>Gatodi</i>	n:adi. <i>y-n:ad</i>	SOV
(7)	Gatodi <i>Gatodi</i>	Maria <i>Maria</i>	n:adi. <i>y-n:ad</i>	OSV
(8)	Gatodi <i>Gatodi</i>	n:adi <i>y-n:ad</i>	Maria. <i>Maria</i>	OVS
(9)	n:adi <i>y-n:ad</i>	Maria <i>Maria</i>	Gatodi. <i>Gatodi</i>	VSO

'Maria viu um tucano.'

Fala espontânea ilustrando ordem, entretanto, não é fácil de se conseguir porque os sintagmas nominais estão usualmente ausentes. Como pode ser observado em (10) e (11), qualquer verbo flexionado corresponde a uma frase completa do português.

³ É importante, entretanto, ressaltar que, apesar de todas estas ordens serem igualmente gramaticais, diferentes contextos pragmáticos implicam em diferentes ordens. Por exemplo, a ordem que conseguimos em resposta a uma pergunta do tipo '*o que aconteceu?*', onde toda a sentença traz informação nova é VSO, enquanto que a ordem que conseguimos quando o argumento externo (S) é tópico (i.e., informação antiga) é SVO. Além disso, a ordem sintática do kadiwéu se relaciona com a morfologia verbal de maneira não trivial, como será mostrado e discutido na seção 4.

QU é separado de seu sintagma nominal pelo complementizador *me*. Em (14), não apenas o elemento QU está separado do sintagma nominal, mas os componentes do sintagma nominal possessivo [*liwoqodi apaqacodi*_{NP}] foram divididos pelo verbo. Os exemplos em (15) e (16) mostram que o mesmo fenômeno ocorre com argumento externos.⁴

- (13) **iga:** me **[liwoqodi** **apaqacodiNP]** an:ati?
iga: *me* *l-woqo-adi* *apaqa-co-adi* *a-n:a-d-i*
 QU COMP 3POSS-número-pl ema-class-pl 2ERG-ver-atel-pl
 ‘Quantas emas (i.e., que número de emas) você está vendo?’
- (14) **iga:** me **liwoqodi** annati **apaqacodi**
iga: *me* *l-woqo-adi* *a-n:a-d-i* *apaqa-co-adi*
 QU COMP 3POSS-número-pl 2ERG-ver-atel-pl ema-class-pl
 ‘Quantas emas (i.e., que número de emas) você está vendo?’
- (15) **iga:** me **[liwoqodi** **nig:a:nig:ipawa:nig:iNP]**
iga: *me* *l-woqo-adi* *n-ig:a:-nig:i-pi-wa:-nig:i*
 QU COMP 3POSS-número-pl GEN-criança-m.dim-pl-class-m.dim

 igotib:ek libatadi?
y-go-t-b-e-k *l-bata-adi*
 3ERG-ir-?-inten—3OBL-alativo 3POSS-vila-pl
 ‘Quantos meninos (i.e., que número de meninos) foram para suas aldeias?’
- (16) **iga:** me **liwoqodi** igotibek libatadi
iga: *me* *l-woqo-adi* *y-go-t-b-e-k* *l-bata-adi*
 QU COMP 3POSS-número-pl 3ERG-ir-?-inten-3OBL-alativo 3POSS-vila-pl

nig:a:nig:ipawa:nig:i?
n-ig:a:-nig:i-pi-wa-nig:i
 alnbl-criança-m.dim-pl-class-m.dim
 ‘Quantos meninos (i.e., que número de meninos) foram para suas aldeias?’

⁴ Note que também no Mohawk expressões descontínuas não são tão frequentes como em walpiri e outras línguas da Austrália (Baker 1995).

Os sintagmas nominais do kadiwéu podem também aparecer recursivamente, outra característica das chamadas línguas não-configuracionais. Há vários exemplos deste fenômeno vindo de textos ou de sentenças controladas:

(17)	Gad:ati	[nGida	me	aqa:m:i _{NP}]	[aqa:m:i _{NP}]
	<i>Ga-d:-na-d-i</i>	<i>nGida</i>	<i>me</i>	<i>aqa:m:i</i>	<i>aqa:m:i</i>
	2ACC-rel-ver-atel-pl	DEM	COMP	você	você
	[Gonel:e:giwa	lon:ikiwenGegi _{NP}].			
	<i>Gonel:e:giwa</i>	<i>l-on:ikiwen-Gegi</i>			
	homem	3POSS-força-tran			

‘Eu vejo você, que é um homem forte’ (lit.: ‘Eu vejo este que você, você, sua fortaleza de homem.’)

Como mencionado acima, as características acima já foram notadas em línguas de morfologia pobre e em línguas polissintéticas. A condição *sine qua non* para caracterizar uma língua como polissintética é sua complexidade morfológica. Segundo Sapir (1921) “uma língua polissintética, como seu nome implica, é mais que ordinariamente sintética. A elaboração de uma palavra é extrema. Conceitos que nós nunca sonharíamos em tratar de uma maneira subordinada são simbolizados por afixos derivacionais ou mudanças “simbólicas” no elemento radical, enquanto noções mais abstratas, incluindo relações sintáticas, podem também ser transmitidas pela palavra.” (Sapir 1921:128)⁵. A figura 1 introduz a estrutura verbal do kadiwéu, com 12 posições flexionais, cuja complexidade é típica de uma língua polissintética.

Além das características apontadas por Hale (1983), as línguas polissintéticas, segundo Baker (1995), são também caracterizadas por ausência de anáforas lexicais, ausência de quantificadores, ausência de questões múltiplas do tipo QU, estruturas que aparentam violar a Condição C e incorporação.

⁵ Segundo o texto original: “A polysynthetic language, as its name implies, is more than ordinarily synthetic. The elaboration of the word is extreme. Concepts which we should never dream of treating in a subordinate fashion are symbolized by derivational affixes or “symbolic” changes in the radical element, while the more abstract notions, including the syntactic relations, may also be conveyed by the word.”

-4	AGR Número (3pl)	-3	AGR pessoa (ERG/ ACC)	-2	v	-1	Antipas- sivo	0	R A I Z	-1	valência	-2	Número (1/2pl)	-3	(CLÍTICO)	-4	CLÍTICOS	-5	CLÍTICOS	-6	CLÍTICOS	-7	CLÍTICOS
															AGR (NOM)	ASP repetitivo	Dirrecional I	Dirrecional II	AGR (OBJ IND)	Adposição inco- porada	AGR número	AGR número	

Figura 1: Estrutura do Verbo

- (22) e: e:m:Ga id:inem:a.
e:m: *e:m:-Ga* *i-d:-n-em:an:*
1sg.pronome *1sg.pronome* *1NOM-rel-intran-querer*
 'Eu mesmo me amo.'

Como as línguas estudadas por Baker, somente um sintagma nominal pode ser questionado de cada vez no kadiwéu:

- (23) *igamei me Joao yaqad ame?
ig-ame-i *me* *Joao* *y-aqad* *ame*
QU-interrogativo-lugar *COMP* *João* *3ERG-encontrar* *interrogativo*
 'Onde João encontrou o que?'

- (24) igamei me Joao yaqad
ig-ame-i *me* *Joao* *y-aqad*
QU-interrogativo-lugar *COMP* *João* *3ERG-encontrar*
 'Onde João o encontrou?'

E, como as línguas analisadas por Baker, o kadiwéu não conta com quantificadores. Nesta língua, noções expressas por quantificadores em uma língua como o português são expressas através da morfologia afixada a pronomes demonstrativos. Isto é, ao contrário dos quantificadores, estes elementos são referenciais. A Figura 2 apresenta os demonstrativos do kadiwéu, os quais são comuns em todas as línguas guaikurú (Ceria & Sandalo 1995), seguida de exemplos.

<i>este em pé</i>	-da
<i>este sentado</i>	-n:i
<i>este deitado</i>	-d:i
<i>este vindo</i>	-n:a
<i>este indo</i>	-jo
<i>este não presente</i>	-ka

Figura 2: demonstrativos

- (25) onin:itekibeke Gonel:e:giwa yem:a lyonig:i.
on-i-n-i-tekibeke *Gonel:e:giwa y-em:an:* *l-yo-nig:i*
um-masc-DEM-separadamente *homem* *3ERG-querer* *3POSS-filho-dim*
 'Cada homem ama seu filho.' (Lit. 'Este homem como indivíduo ama seu filho.')

- (26) ijowataweke dom:o:ya iwilegi.
i-jo-wa-taweke *dom:o:ya* *y-iwilegi*
masc-DEM-pl-coletivo *carro* *3ERG-lavar*
 'Ele lavou todo/todos o/os carros'. (Lit. 'Ele lavou estes carros inteiros'.)
- (27) aGika dom:o:ya.
aG-i-ka *dom:o:ya*
negativo-masc-DEM *carro*
 'Nenhum carro' (Lit. Este não é um carro.)

Baker (1995) afirma ainda que as línguas polissintéticas são caracterizadas por presença de incorporação nominal. Apenas recentemente passei a observar no kadiwéu construções que podem ser analisadas como resultantes de incorporação nominal. Compare a mudança de concordância entre (28) e (29), onde (28) apresenta concordância ergativa evidenciando uma raiz verbal transitiva⁶ e (29), que contém a mesma raiz verbal acompanhada de um nome incorporado, apresenta concordância intransitiva (ver exemplo (30) para atestar que *agin-* é uma raiz nominal produtiva na língua). O padrão alterado da concordância sugere que estamos realmente diante de um processo de incorporação sintática, uma vez que incorporação sintática implica em intransitivização (Baker 1988).

- (28) jel:otikanGa
j-el:ot-kan-Ga
 1ERG-adoecer-valência-pl
 'Nós adoecemos'
- (29) iGon:agi nad:e:di le:Godi nel:otagi
i-Gon:agi \emptyset -*ad:edi* *le:Godi* \emptyset -*el:ot-agin*
 1POSS-pé 3NOM-inchar porque 3NOM-adoecer+ pessoa
 'Meu pé está inchando por causa de doença (i.e. porque ele adocece pessoa).'
- (30) aginaGa
agin-Ga
 pessoa-classificador
 'homem'

⁶ Seguindo Bittner & Hale (1996), assumo que o Caso absolutivo e o caso nominativo são o mesmo e, portanto, recebem o rótulo nominativo (NOM). Em kadiwéu verbos inergativos e verbos transitivos podem ser marcados por concordância ergativa. Ver Hale & Keyser (1993) e Bittner & Hale (1996) para argumentos em favor de analisar verbos inergativos como transitivos lexicalmente. Ver a seção 4 para uma discussão detalhada sobre concordância em kadiwéu.

A incorporação de nomes no kadiwéu não parece ser muito freqüente, entretanto. Este fato pode estar relacionado com o fato de o kadiwéu apresentar incorporação obrigatória de adposições. Note nos exemplos em (10) e (11) que as adposições estão inseridas na estrutura morfológica do verbo. Estruturas que contêm uma adposição incorporada não contêm nomes incorporados. Baker & Hale (1990) argumentam que a incorporação de nomes é obrigatoriamente banida em estruturas que contêm uma adposição incorporada porque a adposição incorporada serviria como uma barreira entre o nome incorporado e seu vestígio, violando a condição da Minimalidade Relativizada (Rizzi 1990).

Finalmente, Baker nota que as línguas polissintéticas são caracterizadas por apresentar estruturas, como em (1) – (3), que parecem violar a Condição C da Teoria da Ligação. Estas estruturas serão discutidas detalhadamente na próxima seção.

3. A teoria dos argumentos pronominais e a violação da Condição C em kadiwéu

A Condição C, a qual proíbe a coindexação de uma expressão R com um elemento pronominal que a c-comande, é considerada para a teoria chomskyana como parte do componente inviolável da gramática. Uma situação problemática para a inviolabilidade dos princípios da teoria gerativa é apresentada por línguas que parecem violar a Condição C. As línguas polissintéticas são caracterizadas por um apagamento intensivo de sintagmas nominais, deixando estruturas nas quais um argumento externo nulo pode ser coindexado com uma categoria vazia que o c-comande, como em (1) repetido aqui como (31):

Mohawk (Baker 1995)

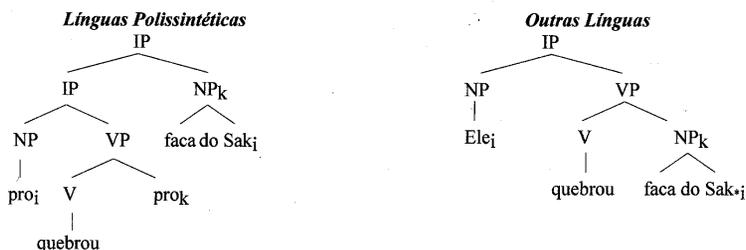
- | | | | |
|------|---------------------------|-----|-----------------|
| (31) | Wá'-t-há-ya'k-e' | Sak | raó-[a]'share'. |
| | fact-dup-1sS-quebrar-PUNC | Sak | MsP-faca |

'< >_i quebrou a faca do Sak_i'

Para dar conta desta situação problemática para o quadro gerativo, Baker propõe que as línguas polissintéticas têm uma estrutura sintática

substancialmente distinta de qualquer outra tipologia lingüística, e assume com Jelinek (1984) que sintagmas nominais são gerados na base como adjuntos nestas línguas. Temos um macroparâmetro onde línguas polissintéticas são aquelas onde sintagmas nominais são sempre gerados como adjuntos (uma categoria vazia é gerada nas posições argumentais), enquanto as línguas de outras tipologias têm sintagmas nominais gerados em posições argumentais:

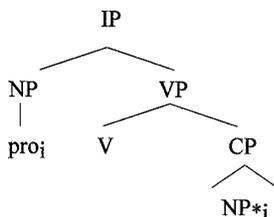
(32) Estrutura sintática segundo Baker (1995):



Nesta interpretação, uma estrutura do tipo $\langle \rangle_i$ *quebrou a faca do Sak_i*, onde $\langle \rangle$ corresponde a um argumento externo nulo *pro*, é possível porque *pro* não c-comanda o sintagma *a faca do Sak*, o qual é um adjunto. Assim, a Condição C não é verdadeiramente violada e os princípios da Teoria da Ligação permanecem como universais lingüísticos.

A proposta de Baker, entretanto, faz previsões equivocadas a respeito das posições onde uma categoria vazia pode ser coindexada com um sintagma nominal em aparente violação da Condição C em kadiwéu. Baker prevê que a coindexação de uma categoria vazia na oração principal com um substantivo em uma cláusula complemento é impossível, uma vez que um *pro* na principal pode c-comandar qualquer elemento do complemento:

(33) Baker 1995



Estas estruturas, entretanto, são gramaticais na língua polissintética kadiwéu, como demonstrado em (34):⁷

- (34) yowoGodi me yema: João Maria
 y-owo-God *me* *y-ema:n* *João* *Maria*
 3ERG-saber-rel COMP 3ERG-gostar João Maria
 < >₁ sabe que João₁ gosta de Maria

- (35) yema: me yema: João Maria
 y-ema:n *me* *y-ema:n* *João* *Maria*
 3ERG-gostar COMP 3ERG-gostar João Maria
 < >₁ quer que João₁ goste de Maria

Seria possível questionar se a oração encaixada em (34) é realmente uma oração complemento. Se esta oração for adjunta, a análise de Baker ainda poderia ser mantida para o kadiwéu, uma vez que a coindexação de uma argumento na oração matriz com com um sintagma nominal em uma oração adjungida ao IP não violaria a Condição C (cf. I saw her_i before Mary_i died). Entretanto, a análise da oração encaixada acima como uma oração complemento é corroborada pelo fato de permitir extração. O exemplo em (36) mostra que orações encaixadas introduzidas pelo complementizador *me* permitem extração. O exemplo (37) mostra que extrações de dentro de uma oração adjunto é impossível no kadiwéu, como em qualquer outra língua.⁸

⁷ Sandalo & Gordon (1999) mostram que a categoria vazia da oração principal resiste coindexação com o argumento interno da encaixada. A coindexação da categoria vazia com o argumento interno foi admitida por apenas um número marginal de falantes nativos do kadiwéu consultados, enquanto a coindexação com o argumento externo da encaixada foi aceita por 77% dos falantes consultados acima de 8 anos e por 100% dos falantes consultados entre 4 e 7 anos. Também é necessário dizer que orações encaixadas introduzidas pelo complementizador *me* podem ser interpretadas como finitas (presente) ou infinitivas, correspondendo, portanto, a casos de “controle invertido” (*backward control*). Isto é, uma sentença como aquela em (35) pode ser traduzida como < > *sabe que João gosta de Maria* ou como *João sabe gostar de Maria*. Resta, finalmente, dizer que o fenômeno não parece ser restrito a apenas um número pequeno de verbos. Todos os verbos testados apresentaram comportamento idêntico.

⁸ Note que a coindexação do argumento externo da principal e o argumento externo da encaixada com João em (36) é possível.

- (39)

igamei	me	eni	João	me	me:	Maria	me
<i>ig-ame-i</i>	<i>me</i>	<i>y-ani</i>	<i>João</i>	<i>me</i>	<i>y-me:n</i>	<i>Maria</i>	<i>me</i>
wh-interrogative-	COMP	3ERG-	João	COMP	3ERG-	Maria	COMP
lugar		pensar			dizer		
yaqadi	napalwaGa?						
<i>y-aqad</i>	<i>n-awalwa-Ga</i>						
3ERG-encontrar	alnb1-argila-pl						

‘Onde_i < > pensa que João disse que Maria achou argila t_i? ‘

Em outras palavras, os fatos do kadiwéu demonstram que não estamos diante de uma oração adjunta. O fato de o kadiwéu permitir a coindexação entre uma categoria vazia na matriz e um sintagma nominal em uma oração complemento não pode ser explicado pela teoria de Baker (1995).

Uma outra análise possível para os dados do kadiwéu, sugerida por um revisor anônimo, e que asseguraria o parâmetro da polissíntese, seria postular que esta língua não conta com verdadeira subordinação, mas com estruturas contendo verbos complexos, como por exemplo verbos seriais. Se estivermos diante de estruturas monoclausais contendo verbos complexos, a hipótese de Baker ainda poderia ser mantida, uma vez que, sem subordinação, poderíamos garantir uma estrutura onde todos os sintagmas nominais estivessem adjungidos ao IP. No entanto, a possibilidade de as estruturas estudadas permitirem argumento externos distintos, como em (40), evidencia que não estamos diante de verbos seriais. Sabe-se o argumento externo, bem como o argumento interno, são obrigatoriamente compartilhado em estruturas com verbos seriais (Baker 1989).

- (40)

jowoGodi	me	yema:	João	Maria
<i>j-owo-God</i>	<i>me</i>	<i>y-ema:n</i>	<i>João</i>	<i>Maria</i>
1ERG-saber-TRAN	COMP	3ERG-gostar	João	Maria

Eu sei que João gosta de Maria

Outra diferença importante entre uma estrutura de subordinação e uma estrutura de serialização verbal concerne a negação. As estruturas que interessam a este texto permitem a negação da oração matrix ou da oração subordinada, enquanto que apenas o primeiro verbo admite ser modificado por uma partícula de negação em estruturas contendo verbo seriais, e

isto implica na negação da estrutura como um todo, como em qualquer estrutura monoclausal (Sebba 1987).⁹

- (41) i:Ge iwal:o me daGa yad:e:gi naqakodiwaGa.
y-i:Ge iwal:o me daGa y-ad:e:g n-aqakodiwa-Ga
 3ERG-mandar mulher COMP negativo 3ERG-trazer alnbl-arroz-class

'< > mandou a mulher não levar o arroz embora.'

- (42) aGi:Ge iwal:o me yad:e:gi naqakodiwaGa.
aG-y-i:Ge iwal:o me y-ad:e:g n-aqakodiwa-Ga
 neg-3ERG-mandar mulher COMP 3ERG-trazer alnbl-arroz-class

'< > não mandou a mulher levar o arroz embora.'

- (43) aGi:Ge iwal:o me daGa yad:e:gi naqakodiwaGa.
aG-y-i:Ge iwal:o me daGa y-ad:e:g n-aqakodiwa-Ga
 neg-3ERG-mandar mulher COMP negativo 3ERG-trazer alnbl-arroz-class

'< > não mandou a mulher não levar o arroz embora.'

Finalmente, as estruturas analisadas aqui admitem temporalização distinta, como qualquer estrutura biclausal:

- (44) yel:wadi oqoqo:di nGina noqo me
y-el:wadi oqoqo:di nGina noqo me
 3ERG-matar galinha DEM dia COMP
- ibaqe lod:a:jo natigi nigoi.
y-ba:-qen l-od:a:jo natigi nigoi
 2ERG-usar-tran 3POSS-faca seguinte manhã

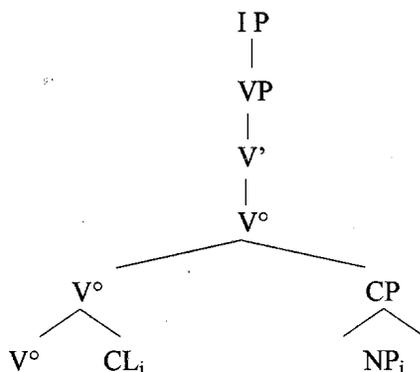
'< > matou esta galinha hoje (neste dia) para usar sua faca amanhã (manhã seguinte).'

Em contraste, as ações expressas por verbos seriais são simultâneas, isto é, elas expressam um único evento, e todos os verbos serializados devem ser interpretados como tendo o mesmo tempo e/ou aspecto (Sebba 1987).

⁹ O kadiwéu tem dois tipos de partículas negativas: aG- e daGa. O primeiro é usado em orações principais e o segundo em subordinadas.

Há ainda uma derradeira possibilidade para assegurar uma análise de não-configuracionalidade para os sintagmas nominais do kadiwéu que foi assumida em Sandalo (1995) e que deve ser refutada. Sandalo (1995) tomou a possibilidade de coindexação de um argumento externo vazio da oração matriz com um argumento externo da oração complemento como evidência em favor de Jelinek (1984). De acordo com Jelinek, os argumentos verbais são afixos verbais em línguas polissintética. Se os argumentos verbais nas línguas polissintéticas são verdadeiramente morfemas flexionais, a gramaticalidade da sentença (34) poderia ser explicada porque, uma vez que os argumentos estão dentro de V° , eles não poderiam comandar elementos na oração complemento e não haveria violação da Condição C:¹⁰

(45) Jelinek 1984



¹⁰ Alguém poderia argumentar que a oração encaixada poderia estar adjungida ao IP. Neste caso, tanto Jelinek como Baker poderiam prever a gramaticalidade das sentenças em discussão. Parece, assim, necessário lembrar neste momento que os exemplos (36), (37) e (39) apresentam evidência de que estamos diante de orações complementos nos casos que parecem envolver a violação da Condição C em Kadiwéu. Lembre que o exemplo (36) e (39) mostram que as encaixadas em discussão admitem extração, enquanto o exemplo (37) demonstra que orações adjungidas ao IP não admitem extração em Kadiwéu, como em qualquer outra língua. Isto é, nossos dados mostram que não é possível acreditar em uma análise que postule que estamos diante de orações adjungidas ao IP quando nos deparamos com encaixadas iniciadas pelo complementizador *me*, ou seja, em encaixadas que envolvem os aparentes casos de violação da Condição C.

Apesar de a estrutura proposta por Jelinek ser capaz de prever os dados em discussão, há previsões equivocadas que a teoria dos argumentos pronominais faz que nos levam a rejeitar esta hipótese como um todo. Segundo a teoria dos argumentos pronominais (na versão de Baker ou de Jelinek), todos os sintagmas nominais são gerados como adjuntos. Se todos os sintagmas nominais fossem igualmente adjuntos, nenhum tipo de assimetria entre argumento externos e argumento internos deveria ser atestada em Kadiwéu porque todos os sintagmas nominais teriam o mesmo estatuto sintático. Há dados, entretanto, que atestam assimetria entre sujeitos e objetos em Kadiwéu, a saber, argumentos externos não podem sofrer extração de longa distância (Sandaló 1997):¹¹

- (46) * Ana, Maria me: me dabaqenaGa.
 Ana Maria y-me:n me y-d:-baqen-Gan
 Ana Maria 3ERG-disse COMP 3NOM-rel-lavar-intr

‘Ana_i, Maria disse que < >_i lavou roupa.’

Note que os argumento internos não são sujeitos a este tipo de restrição, isto é, eles podem sofrer extração de longa distância. A assimetria atestada mostra que qualquer proposta que assuma que sintagmas nominais são sempre adjuntos em toda e qualquer língua polissintética deve estar equivocada. Isto é, a teoria dos argumentos pronominais/parâmetro da polissíntese é insuficiente porque não podemos explicar o comportamento sintático de todas as línguas polissintéticas com base nesta proposta. A próxima seção argumenta em favor de uma estrutura totalmente configuracional para o kadiwéu e a seção 5 argumenta em favor de uma análise que derive as estruturas discutidas através de movimento sintático.

4. Morfologia verbal e evidência para configuracionalidade

A concordância com o argumento externo e o argumento interno estão em distribuição complementar em kadiwéu. Note em (47) que o verbo concorda com o argumento interno apenas, mas no exemplo (48) o

¹¹ Note que a sentença em (39)(46) é gramatical se *Ana* for interpretado como um vocativo, ao invés do argumento externo da encaixada.

mesmo verbo concorda com o argumento externo exclusivamente. O que determina se o verbo transitivo concorda com o argumento externo ou o argumento interno é a presença/ausência do prefixo *d:-*. O verbo transitivo é marcado por concordância com o argumento externo normalmente. Mas se o verbo transitivo for marcado pelo prefixo *d:-*, rotulado de relacional seguindo a literatura indigenista brasileira, o verbo passa a ser marcado obrigatoriamente por concordância com o argumento interno.

(47)	<i>aqa:m:i</i>	<i>Gad:ema:ni</i>	Wedeye
	<i>aqa:m-i</i>	Ga-d:-ema:n-i	<i>wedeye</i>
	2pl	2ACC-relacional-querer-pl	nome próprio

‘Wedeye ama você’

(48)	<i>yema:</i>	<i>Goti</i>	Wedeye
	<i>y-ema:n</i>	<i>Goti</i>	<i>wedeye</i>
	3ERG-querer	nome próprio	nome próprio

‘Goti ama Wedeye.’

Verbos intransitivos (exceto o verbo inergativo¹²), isto é, inacusativos, reflexivos, antipassivos e verbos que contêm um nome incorporado, são marcados por um terceiro conjunto de afixos. Inspirada pelo modelo de Bittner & Hale (1996), rotulo a concordância com o argumento interno de acusativa, com o argumento externo agente de ergativa e a concordância com o argumento externo intransitivo de nominativa. A Figura 2 apresenta os três conjuntos de marcadores de concordância verbal do kadiwéu seguida de exemplos.¹³

¹² Como mencionado anteriormente, verbos inergativos são analisados por alguns autores como transitivos lexicalmente. Em kadiwéu, como no basco e no georgiano, inergativos são marcados por concordância ergativa. Para uma classificação de verbos entre inacusativos e inergativos no kadiwéu ver o dicionário anexo a Sandalo (1995).

¹³ Como o verbo transitivo é obrigatoriamente marcado por *d:-* se o argumento interno for primeira ou segunda pessoa, o resultado é um sistema cindido onde o verbo transitivo é marcado para concordância acusativa se o argumento interno for primeira ou segunda pessoa e para concordância ergativa se argumento interno for terceira pessoa, criando uma cisão de pessoa. É comum uma cisão de pessoa na línguas que apresentam ergatividade cindida (Nash 1997).

	ERGATIVA	NOMINATIVA	ACCUSATIVA
1sg	j-	i-	i-
2sg	a...-i	a...-i	Ga-
3sg	y- ~ -w	Æ	Æ
1pl	j...-Ga	i...-Ga	Go-
2pl	a...-i	a...-i	Ga...-i
3pl	y...Ga	o-Æ.	Æ

Figura 3: Concordância

- (49) Gad:ema:ni
Ga-d:-eman-i
 2ACC-rel-querer-pl
 ‘Ele ama você.’
- (50) yema:
y-ema:n
 3ERG-querer
 ‘Ele o ama.’
- (51) Antipassivo¹⁴
 nema:ta
Ø-n-ema:n-t-e-wa
 3NOM-antipassivo-querer-?-3-dativo
 ‘Ele ama (alguém)’.

Note que o argumento rotulado de nominativo pode ser marcado por um enclítico opcional. Assim, note em (52) abaixo que no padrão de concordância acusativa, é o argumento externo que é marcado pelo enclítico *te*, enquanto no padrão de concordância ergativa, o argumento interno é marcado por este mesmo clítico:

¹⁴ Nas antipassivas do kadiwéu o argumento externo é marcado pela concordância nominativa e o argumento interno passa a ser um argumento indireto opcional. Este argumento não é meramente um adjunto, uma vez que ele acarreta concordância verbal. O argumento indireto é marcado por um enclítico seguido de uma adposição. O kadiwéu marca o papel temático/Caso de seus argumentos indiretos através de uma série de adposições incorporadas ao verbo (ver Figura 1). No caso de um argumento antipassivizado a adposição é obrigatoriamente *-wa* ‘dativo’.

(55)	No-sasa-n	Rasoa	(amin'	ny	savony)	ny	lamba.
	<i>ASP-lavar-INFL</i>	<i>Rasoa</i>	<i>com</i>	<i>o</i>	<i>sabão</i>	<i>as</i>	<i>roupas</i>
		ERG		PP			NOM

'Rasoa lavou as roupas (com sabão).'

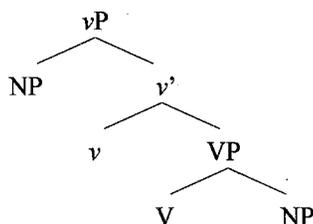
Bittner & Hale (1996) propõem que a propriedade de uma estrutura atribuir Caso acusativo vem de uma categoria funcional contida no sintagma verbal, que pode se realizar abertamente como um morfema em algumas línguas, como é o caso do malagasy *an-*. Segundo eles, estruturas ergativas são caracterizadas por não contarem com esta categoria, e portanto, não terem a possibilidade de atribuir Caso acusativo. O malagasy difere de línguas puramente ergativas porque, enquanto as línguas puramente ergativas nunca contam com esta categoria funcional licenciadora de Caso acusativo, uma língua como o malagasy tem a opção de contar ou não com ela gerando um sistema de Caso cindido.

Nash (1995, 1997) adota a proposta de Bittner & Hale de que uma categoria funcional é responsável pelo Caso acusativo e transporta esta proposta para o quadro Minimalista. Chomsky (1995) postula que as únicas categorias funcionais autorizadas dentro de um programa minimalista são aquelas que possuem traços interpretáveis, isto é, T (especificações de finitude), C (especificações de força ilocucionária) e D (especificações de referencialidade). Além de T, C e D, Chomsky assume a existência de uma quarta categoria funcional, *v*. Segundo Chomsky, as categorias T e *v* são diretamente relacionadas com a atribuição de Caso estrutural: nominativo e acusativo respectivamente. Assim, Nash propõe que a categoria funcional de Bittner & Hale é o *v* de Chomsky (1995). Para Nash (1997:138), "as línguas ergativas são definidas como sistemas "inacusativos", onde a propriedade que as distingue das línguas acusativas seria a incapacidade do verbo de atribuir o caso acusativo ao objeto".¹⁶ Assim, nesta proposta, estruturas acusativas contam com a categoria *v*, enquanto estruturas ergativas não contam:¹⁷

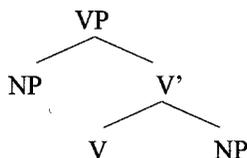
¹⁶ Tradução adaptada do seguinte trecho original: "les langue ergatives sont souvent définies comme des systèmes 'inaccusatifs', où la propriété pertinente les distinguant des langues accusatives serait l'incapacité du verbe d'assigner le cas accusatif à l'object."

¹⁷ Há uma diferença importante, entretanto, entre a proposta minimalista e a proposta de Bittner & Hale. Para Chomsky (1995), apenas os verbos transitivos podem ser caracterizados pela presença

(56) Estruturas acusativas



Estruturas ergativas



Nas estruturas acusativas, o argumento interno checa os traços-phi de *v* (Caso acusativo) e o argumento externo checa os traços-phi de T (Caso nominativo). Nas estruturas ergativas, não há nada dentro do sintagma verbal que possa checar os traços do argumento interno. Assim, o argumento interno sai do sintagma verbal e checa seus traços com T, isto é, o argumento interno checa nominativo. Nesta situação, o argumento externo deixa de ser licenciado estruturalmente, segundo Nash. O argumento externo é licenciado tematicamente, recebendo papel temático diretamente do verbo. Nas palavras de Nash (1997: 140):

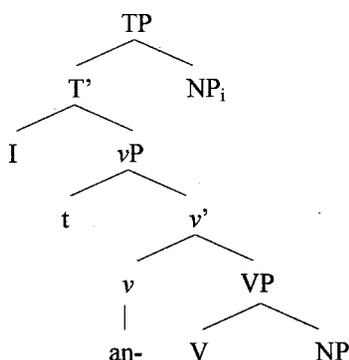
“J’ai exposé une théorie de l’ergativité qui assigne un statut différent aux cas ergatif et absolutif: le premier est un cas purement morphologique, assigné aux agents thématiquement légitimés par des verbes transitifs, le second, un cas structural assigné aux objets et aux sujets des verbes intransitifs par la catégorie Temps.” Les deux cas ayant des sources grammaticales différentes, on conclura que l’assignation de l’ergatif s’opère au niveau postsyntaxique – le Niveau Morphologique [voir Halle et Marantz

da categoria funcional *v*. Bittner & Hale defendem que verbos inacusativos e transitivos podem ser caracterizados por contarem com uma categoria funcional capaz de licenciar Caso acusativo. Assim o fazem porque há línguas onde verbos inacusativos atribuem Caso acusativo para seu único argumento. Segundo a análise de Bittner & Hale, nas línguas onde o alçamento para a posição do especificador do sintagma flexional é obrigatória, o único argumento do verbo inacusativo recebe Caso nominativo, mas nas línguas que admitem um expletivo nulo na posição de especificador do sintagma nominal, o argumento do verbo inacusativo recebe Caso acusativo. Para sustentar esta análise, Bittner & Hale defendem que *v*, representados por eles como D°, não atribui papel temático, como assumido por Chomsky, sendo responsável por Caso exclusivamente. Para Bittner & Hale, o que Hale & Keyser (1993) rotulam de *v* e o que Bittner & Hale rotulam de D° são elementos distintos. Esta discussão está além do escopo deste trabalho e assumo apenas com os autores que acusatividade está relacionada a uma categoria funcional.

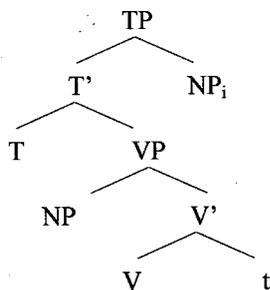
(1993)], alors que l'assignation de l'absolutif s'effectue au niveau syntaxique.”

Nas línguas acusativas, isto é, quando a projeção de *v* está presente, o papel temático atribuído ao argumento externo é recebido em SPEC, *v*P. Reestruturando para o quadro minimalista as propostas de Guilfoyle, Hung & Travis (1992) e de Bittner & Hale (1996) para o malagasy, temos o seguinte quadro:¹⁸

(57) Estruturas acusativas



Estruturas ergativas



É importante questionar se o padrão não usual de concordância do kadiwéu realmente acena para um sistema de caso cindido, como no malagasy, ou se estamos diante de um fenômeno superficial, isto é, uma idiosincrasia da morfologia verbal do kadiwéu. Há várias propriedades da sintaxe do kadiwéu que indicam que estamos, de fato, diante de um sistema cindido.

Assim, é possível atestar no kadiwéu que certas propriedades atribuídas ao argumento externo no padrão de concordância acusativa são verificadas em relação ao argumento interno quando a concordância é

¹⁸ Os autores não consideram a proposta de Kayne (1994) de que especificadores estão à esquerda universalmente e que uma ordem linear onde o sintagma no especificador do sintagma flexional está à direita é derivada através do movimento à esquerda, para posições superiores ao especificador do sintagma flexional, do material que permanece dentro do VP. Como observar quais movimentos resultam na ordem superficial do malagasy não faz parte do escopo deste trabalho, mantenho com os autores que analisaram o malagasy o especificador do sintagma flexional à direita.

ergativa, sugerindo que o argumento interno verdadeiramente se encontra no especificador do sintagma flexional (TP). Por exemplo, quando ordenamos orações em uma língua como o português, que apresenta um padrão acusativo, um argumento nulo é sempre interpretado como o argumento externo da coordenada. O exemplo (58) mostra que o argumento nulo de *ir* deve ser interpretado como o argumento externo de *ver*. Isto é, temos um processo onde o argumento externo é envolvido sempre.

(58) João_i viu você_k e < >_{i/*k} foi embora.

Quando um verbo no kadiwéu apresenta concordância acusativa, o mesmo padrão pode ser observado. No entanto, o mesmo não é verdadeiro se o padrão de concordância for ergativo. O argumento manipulado passa a ser um argumento interno:

(59) João nad:i Maria oda dacodi.
João *y-nad* *Maria* *oda* Ø-*d-acod*
 João 3ERG-ver Maria e 3NOM-rel-descer

‘João_i viu Maria_k e < >_{k/*i} desceu.’

(60) nad:i oda João ja yajigotiwa waka
y-nad *oda* *João* *jaG* *y-ajigo-t-i-wa* *waka*
 3ERG-ver e João compl 3ERG-dar-?-1-dativo vaca

‘< e >_{i/*k} viu < e >_{k/*i} e João_i entregou a vaca_k para mim’.

Podemos entender o fenômeno se assumirmos que o processo envolve coindexação dos argumentos nominativos (i.e., dos argumentos que se encontram no especificador de TP). Em uma estrutura acusativa, argumento externos são nominativos. Em uma estrutura ergativa, os argumento internos de transitivas e o argumento externo de intransitivas são nominativos.

O exemplo (61) apresenta uma ocasião onde o argumento interno de ‘ver’ pode ser coindexado com o argumento externo de ‘dar’. Note que o verbo –*ajigo* ‘dar’ foi antipassivizado. Um verbo antipassivizado deixa de contar com um argumento interno direto e, nesta situação, o argumento

externo é alçado para o especificador do sintagma flexional checando o Caso nominativo. Isto é, os exemplos em (60) e (61) formam um par mínimo e confirmam a hipótese de que os argumentos coindexados são sempre aqueles que recebem o Caso nominativo.

- (61) nad:i oda João ja najigotiwa waka
y-nad *oda* *João* *jaG* *Ø-ajigo-t-i-wa* *waka*
 3ERG-ver e João compl 3NOM-dar-?-1-dativo vaca

'< e > _{*i/*k} viu < e > _{i/*k} e João_i entregou a vaca_k para mim.'

O fenômeno discutido é atestável em todas as línguas chamadas de ergativas sintáticas (Bittner & Hale, 1986), isto é, línguas nas quais o argumento interno ocupa a posição do especificador de TP. Os exemplos abaixo são do dyrbal (Hale, comunicação pessoal):

- (62) Nguma yabu-ngku buran banakanyu.
pai *mãe-ERG* *viu* *Voltou*

'A mãe_i viu o pai_k e < > _{k/*i} voltou.'

Em (62) o argumento nulo de *banakanyu* 'voltar' é interpretado como o argumento interno de *buran* 'ver'. Para que o argumento nulo seja interpretado como o argumento externo, antipassivização é necessária:

- (63) Nguma banakanyu bural-nga-nyu yabu-ku.
pai *voltou* *ver-antipassivo-PST* *mãe-DAT*

'O pai_i voltou e < > _{i/*k} viu a mãe_k.'

Outra propriedade atestada em línguas ergativas sintáticas e também atestada no kadiwéu em sua versão ergativa refere-se a restrições sobre topicalização e/ou focalização. Bittner & Hale (1996) observam que apenas o argumento interno ou o argumento externo da intransitiva podem ser topicalizado em dyrbal. Um argumento externo transitivo não pode ser topicalizado sem o uso de antipassivização. Novamente, o kadiwéu ergativo tem um comportamento similar a uma língua ergativa sintática como o dyrbal. Podemos focalizar um argumento interno contido em uma

relativa, mas se quisermos fazer o mesmo com um argumento externo de um verbo lexicalmente transitivo contido em uma oração relativa, é necessário antipassivizar este verbo:

(64)	José	ane	yema:	Maria.
	<i>José</i>	<i>ane</i>	<i>y-ema:n</i>	<i>Maria</i>
	José	relativo	3ERG-querer	Maria

É de José que Maria gosta.

(65)	José	ane	nema:ta	Maria.
	<i>José</i>	<i>ane</i>	\emptyset - <i>n-ema:n-?-e-wa</i>	<i>Maria</i>
	José	relativo	3NOM-antipassivo-querer-3-dativo	Maria

É José que gosta de Maria.

Este padrão não se verifica quando a concordância se faz com o argumento interno (acusativa). Como em qualquer língua acusativa, tanto o argumento externo ou o argumento interno pode ser focalizado sem o uso de qualquer mecanismo de intransitivização:

(66)	José	ane	id:ema:
	<i>José</i>	<i>ane</i>	<i>i-d:-ema:n</i>
	José	relativo	1ACC-relacional-querer

‘É José que me ama.’

(67)	oqo	ane	God:ema:	nGijo	Gonele:giwa.
	<i>oqom</i>	<i>ane</i>	<i>Go-d:-ema:n</i>	<i>nGijo</i>	<i>Gonele:giwa</i>
	nós	que	1plACC-relacional-querer	DEM	homem

‘É de nós que este homem gosta.’

Finalmente, a ordem de constituintes, como discutido abaixo, oferece forte evidência para a proposta de que o argumento interno ocupa a posição do especificador de TP nas estruturas com concordância ergativa do kadiwéu.

Embora seja verdade que a mesma frase possa ser enunciada em seis possíveis ordens sintáticas, como demonstrado em (4) a (9), a ordem

sintática do kadiwéu se relaciona com a morfologia verbal, indicando que o padrão de concordância do kadiwéu, realmente, acena para sua estrutura sintática. A ordem sintática é variável apenas quando o padrão de concordância é ergativa. Quando a concordância é acusativa a ordem sintática é obrigatoriamente OVS. Também em intransitivas, que apresenta concordância nominativa, o argumento externo ocupa a posição final se não houver topicalização. O exemplo (69) apresenta um verbo reflexivizado, onde o único argumento de *dinitedike* ‘balançar-se’ necessita ocupar a posição pós-verbal.

(68)	aqa:m:i	Gad:ema:ni	Goti
	<i>aqa:m-i</i>	<i>Ga-d:-eman-i</i>	<i>Goti</i>
	you-pl	2ACC-rel-querer-pl	Goti

‘Goti ama você.’

(69)	dinil:o	me	dinitedike	awijike
	<i>dinil:o</i>	<i>me</i>	\emptyset -d:-n-ici-t-e-t-ke	<i>awijike</i>
	devagar	COMP	3NOM-relacional-antipassivo-?-3-?-para fora	moça

‘É devagar que a moça se balança.’

Embora vários autores prefiram rotular o argumento ergativo de A (ao invés de S), uma vez que o argumento ergativo de uma língua sintaticamente ergativa não ocupa a posição do especificador de TP, continuarei rotulando como S o argumento agentivo, seja ele nominativo ou ergativo, para pôr em evidência a mudança de ordem que ocorre com a mudança morfológica. Quando o relacional não está presente (padrão ergativo), a ordem é muito variável, como discutido na seção 2. Mas em resposta para uma pergunta como ‘*o que aconteceu?*’, onde a sentença como um todo é foco, temos a ordem VSO exclusivamente. Tem sido largamente assumido que a ordem não marcada de uma dada língua ocorre exatamente como resposta a este tipo de pergunta (Costa 1998). Assim, temos um cenário onde a concordância acusativa implica na ordem OVS, a concordância nominativa implica na ordem VS e a concordância ergativa implica em VSO em sua versão não marcada. Isto é, o argumento interno passa a ocupar a posição final da sentença quando o padrão de concordância é ergativo, posição reservada ao argumento externo em outras construções. Se a posição linear final é a posição do especificador do sintagma flexional,

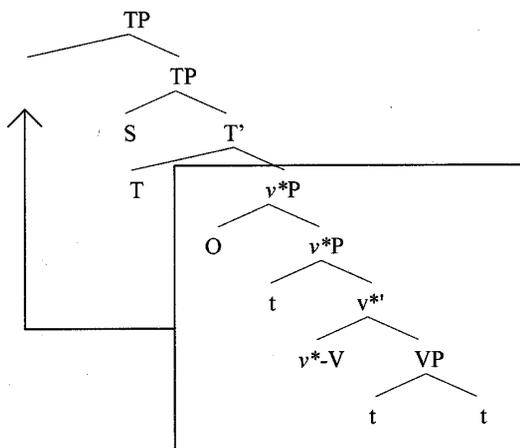
esta posição é ocupada pelo argumento interno (O) quando o *d*- não está presente, isto é, no padrão ergativo.

Os fatos acima sugerem que estamos diante de uma estrutura sintática verdadeiramente cindida, contudo ambas verdadeiramente configuracionais. Abaixo apresento uma proposta para derivar as ordens sintática não marcadas do kadiwéu readaptando as propostas de Bittner & Hale (1996) e Nash (1997) para uma versão mais recente do minimalismo.

Em Chosmky (1999/2000), a categoria *v* é sub-dividida em duas unidades: *v* e *v**. Chomsky (2000) propõe que sintagmas verbais que atribuem o Caso acusativo são caracterizados por contarem com uma categoria funcional completa (*v**), enquanto estruturas que apresentam alçamento do argumento interno para fora do VP (como estruturas passivas e inacusativas) contam com um verbo leve defectivo (*v*). Isto é, na nova versão do minimalismo, todas as estruturas contam com uma categoria funcional núcleo do sintagma verbal. A diferença se localiza no fato de algumas estruturas contarem com uma categoria defectiva, incapaz de projetar especificadores, enquanto outras estruturas contam com categorias funcionais completas. Retomo a proposta de Nash assumindo que uma estrutura ergativa não deixa de contar com uma categoria funcional núcleo do VP, como proposto por Nash (1997) com suporte nas primeiras versões do minimalismo, mas assumindo que estruturas ergativas contam com *v*, isto é, um verbo leve defectivo. Como pode ser verificado abaixo, a proposta de que uma categoria funcional sempre está presente pode derivar as distintas ordens sintáticas não marcadas do kadiwéu. As ordens discutidas são derivadas a partir do deslocamento do *v**P/*v*P:¹⁹

¹⁹ Alguém poderia questionar o porquê de uma língua poder fazer uso de dois tipos de sistemas-*v*. Uma explicação encontra-se em Jelinek (1993). Jelinek (1993) foi a primeira a observar que as línguas polissintéticas tendem a apresentar um padrão de Caso cindido. Segundo a autora, o padrão de Caso cindido tende a ocorrer nestas línguas porque elas não contam com determinantes. Jelinek desenvolve a proposta de Diesing (1992) que defende que nomes definidos são alçados para fora do VP na forma lógica em línguas que contam com determinantes. Jelinek propõe que os nomes definidos são alçados para fora do VP na sintaxe aberta em línguas que não contam com determinantes. Os argumentos de primeira e segunda pessoa são intrinsecamente definidos, mas os argumentos de terceira pessoa não. Jelinek propõe que um sistema de Caso cindido, mais especificamente a ergatividade sintática, ocorre nestas línguas para garantir que o argumento de terceira pessoa definido saia do VP na sintaxe. De fato, como mencionamos anteriormente (nota de rodapé 13), o sistema sintaticamente ergativo do kadiwéu ocorre apenas quando o objeto é uma terceira e todos os exemplos coletados até o momento apresentam uma terceira pessoa definida.

(70) Kadiwéu acusativo



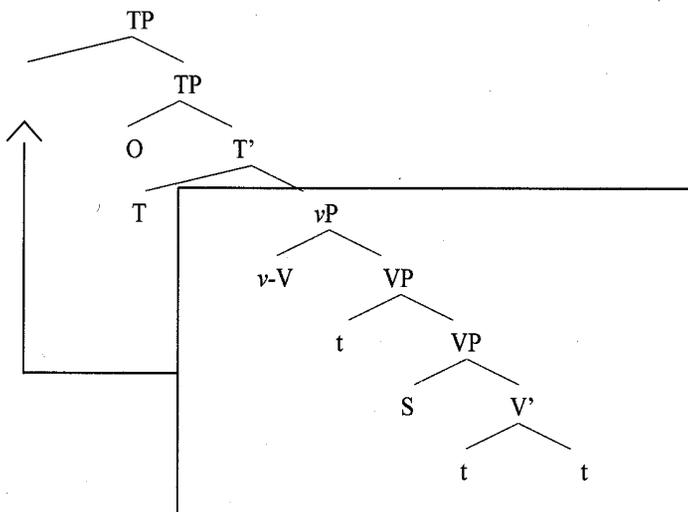
Nesta proposta, o kadiwéu conta com deslocamento à direita (Kayne 1994). Isto é, o sintagma verbal como um todo (v^*P) se adjunge ao TP, gerando a ordem linear OVS. Neste padrão, o objeto é alçado para o especificador de v^*P e o sujeito é alçado para o especificador de TP. Também no padrão ergativo o kadiwéu conta com deslocamento à direita, nesta proposta, dado que o argumento nominativo ocorre na posição final também nesta situação. Assumo que uma categoria funcional defectiva não pode projetar nenhum tipo de especificador, mantendo com Bittner & Hale (1996) e Nash (1997) que o argumento externo de uma estrutura ergativa é gerado e permanece dentro do VP. Nesta estrutura, o argumento interno é alçado para o especificador de TP, onde recebe Caso nominativo. A ordem VSO é gerada:²⁰

²⁰ Na proposta acima o verbo não se move para T. A base desta proposta é o fato de o verbo nunca ser marcado por morfemas de aspecto, tempo e modo. Aspecto tempo e modo são marcados no complementizador em subordinadas e como morfemas livres em posição inicial em orações matrizes. A hipótese de trabalho a ser discutida em trabalhos futuros é de que I é alçado para C, mas o verbo permanece *in situ*. Segue abaixo um par de exemplos mostrando que tempo/aspecto é marcado em C:

Maria	yowoGodi	João	me	yema:
Maria	y-owo-God	João	me	y-ena:n
Maria	3ERG-saber-rel	João	COMP	3ERG-gostar

‘A Maria sabe que o João gosta dela.’

(71) Kadiwéu ergativo



Note que a proposta de que o kadiwéu conta com deslocamento à direita à la Kayne encontra suporte independente da ordem sintática. Suporte para esta proposta vem de lacunas envolvendo o alçamento de sintagmas nominais para CP, como topicalização. Apenas o argumento externo pode ser topicalizado no kadiwéu ergativo, como pode ser observado em (72) e (73). Vimos que o argumento externo é licenciado *in situ* no kadiwéu ergativo, mas quando há topicalização o argumento externo ocorre

Maria	yowoGodi	João	jame	yema:
Maria	y-owo-God	João	jaG-me	y-ema:n
Maria	3ERG-saber-rel	João	compl-COMP	3ERG-gostar

'A Maria sabe que o João já gostou dela.'

Como mencionado anteriormente, um sujeito (argumento externo) tópico ocorre em posição inicial (ordem SVO quando o padrão é ergativo). Note nos exemplos acima que um argumento externo tópico ocorre antes de COMP em subordinadas, sugerindo que a posição ocupada por um sujeito tópico é a posição do especificador do sintagma do complementizador. A hipótese que parece melhor acomodar estes fatos é de que o marcador de tempo, aspecto e modo sempre ocorre em C em kadiwéu e o sujeito tópico é na verdade um sujeito topicalizado que sempre ocupa a posição do especificador de C. Ver discussão adicional sobre topicalização abaixo, sobre os exemplos (72) e (73).

antes do complementizador, o que indica movimento para o especificador de CP.²¹ O fato de apenas o argumento externo poder ser topicalizado pode ser explicado pela proposta de que o kadiwéu conta com deslocamento à la Kayne. Para o argumento interno ser alçado para o CP no kadiwéu ergativo, ele necessitaria cruzar o argumento externo que foi deslocado juntamente com o *vP*, violando a Condição do Elo Mínimo (Chomsky 1993). A Condição do Elo Mínimo estabelece que argumentos não podem se cruzar ao serem alçados se não estiverem dentro de um mesmo domínio mínimo.²²

(72)	João	me:	Maria	me	yema:	Pedro
	<i>João</i>	<i>y-me:n</i>	<i>Maria</i>	<i>me</i>	<i>y-ema:n</i>	<i>Pedro</i>
	João	3ERG-dizer	Maria	COMP	3ERG-querer	Pedro

‘O João, ele disse que a Maria, ela ama o João.’

(73)	* João	me:	Pedro	me	yema:	Maria
	<i>João</i>	<i>y-me:n</i>	<i>Pedro</i>	<i>me</i>	<i>y-ema:n</i>	<i>Maria</i>
	João	3ERG-dizer	Pedro	COMP	3ERG-querer	Maria

‘O João, ele disse que o Pedro, a Maria ama.’

O inverso ocorre no kadiwéu acusativo. Isto é, apenas o argumento interno pode ser topicalizado. Novamente o fenômeno pode ser explicado pelo deslocamento à la Kayne. No kadiwéu acusativo é o argumento interno que se encontra mais próximo ao CP. Para o argumento externo ser

²¹ Em orações matrizes o complementizador não é foneticamente visível. Assim, uma topicalização somente pode ser notada sintaticamente pelo fato de o argumento externo passar a ocupar a posição inicial no kadiwéu ergativo. Assim, em (72), *João* está topicalizado, bem como o sujeito da subordinada.

²² Note que o kadiwéu emprega dois processos sintaticamente distintos para focalizar (foco contrastivo) e para topicalizar informação antiga. Como vimos anteriormente (exemplos (64) e (65)), o argumento externo sofre restrições ao ser focalizado no sistema ergativo. No caso de topicalização, é o argumento externo que deve ser alçado.

topicalizado, ele precisaria cruzar o argumento interno, deslocado com o v^*P , violando a Condição do Elo Mínimo.²³

A próxima seção retorna à questão da violação da Condição C do kadiwéu, apresentando uma visão do fenômeno onde configuracionalidade, ergatividade e movimento sintático são invocados como explicação.

5. A Violação da Condição C revisitada

Uma análise cuidadosa das estruturas biclausais que envolvem a violação da Condição C revelam restrições de localidade, e é largamente assumido que restrições de localidade indicam movimento sintático. O fenômeno de localidade pode ser observado no fato de a violação da Condição C ser sensível a ilhas. Como pode ser notado em (74), não é possível estabelecer coeferência entre uma categoria vazia e um sintagma nominal localizado dentro de uma oração relativa.

(74)	me:	me	Gonele:giwa	ane	nad:i	Maria	yellew.
	y-me:n	Me	Gonele:giwa	ane	y-nad:i	Maria	y-ellew
	3ERG-dizer	COMP	homem	relativo	3ERG-ver	Maria	3ERG-morrer

* < e > i disse que o homem que Maria i viu morreu.

²³ O mesmo tipo de comportamento seria esperado para interrogativas do tipo QU. O kadiwéu, entretanto, não conta com movimento QU de argumentos. Apenas QU-adjuntos se movem para o especificador do CP. A interrogação de argumentos se faz com o elemento QU em situ ou através da incorporação de uma elemento interrogativo a uma predicado existencial com a formação de uma estrutura *clft*:

ami:n:a	ika	ane	enagi?
ame-i-n:a	ika	ane	y-anag
interrogativo-masc-estar.vindo	DEM	relativo	3ERG- <i>vir</i>

‘Quem é este que está vindo?’

Joao,	yaqad	ame?
Joao	y-aqad	ame
João	3ERG-encontrar	Interrogativo

‘O João, ele encontrou o que?’

É importante notar, entretanto, que pelo menos algumas línguas austronesianas também não contam com movimento QU de complementos. E, como vimos na seção 4, a julgar pelo malagasy, pelo menos algumas destas línguas têm uma estrutura sintática similar ao kadiwéu.

O fenômeno de localidade também pode ser observado no fato de somente ser possível violar a Condição C quando o argumento externo nulo c-comandar localmente o sintagma nominal, como pode ser notado no par mínimo em (75) e (76), onde a coeferência torna impossível se houver um argumento externo entre os nominais coindexados:

(75)	yema:	Ana	me	yematitalo	Maria	me	yema	João
	y-ema:n	Ana	me	y-emati-t-e-lo	Maria	me	y-ema:n	João
	3ERG-querer	Ana	COMP	3ERG-contar-	Maria	COMP	3ERG-querer	João
				?-3-benefativo				

*< e > i quer que Ana conte que Mariai ama João.'

(76)	yema:	Ana	me	yematitalo	Maria	me	yema	João
	y-ema:n	Ana	me	y-emati-t-e-lo	Maria	me	y-ema:n	João
	3ERG-querer	Ana	COMP	3ERG-contar-	Maria	COMP	3ERG-querer	João
				?-3-benefativo				

< e > i quer que Anai conte que Maria ama João.'

Os efeitos de localidade envolvendo a coindexação do argumento externo da matriz e o argumento externo subordinado indicam que o kadiwéu envolve hiper-alçamento (não visível) do argumento externo da subordinada para a matriz.

Segundo Chomsky (1998, 1999/2000), a categoria v^* e o T finito possuem um conjunto de traços-phi completos, podendo checar estes traços com os traços de um dado DP, licenciando-o (i.e. checando Caso). Um elemento que tem seus traços-phi checados deixa de estar ativo para a computação, isto é, deixa de poder ser movido. Mas um elemento que não tem seu conjunto de traços-phi checados continua ativo para a computação e pode, portanto, ser movido. Segundo a proposta desenvolvida aqui, uma estrutura ergativa não conta com v^* , isto é uma categoria funcional capaz de checar Caso. Nesta situação, o argumento interno é licenciado através do alçamento para o especificador de TP onde recebe o Caso nominativo. O argumento externo de uma estrutura ergativa não é licenciado através de checagem de traços (Nash 1995/1997). Ora, se o argumento externo não checa traços de Caso, ele permanece ativo para o sistema computacional, podendo continuar a ser movido.

Segundo o programa minimalista, não basta para um elemento estar ativo para a computação para poder ser alçado. Um elemento pode ser movido se ele estiver livre para a computação e se houver um motivo para o movimento, isto é, se houverem traços formais a ser checados (Condição de Último Recurso, Chomsky 1993). Hornstein (1999) apresenta uma série de argumentos para se abandonar o Critério Teta e assumir que papéis temáticos sejam traços formais. Os fatos do kadiwéu são compatíveis com a proposta de Hornstein, pois podemos justificar o hiper-alçamento do sujeito por uma necessidade de checagem de papéis temáticos na oração matriz. Entende-se, assim, o porquê de argumentos externos serem passíveis de hiper-alçamento no kadiwéu: (i) O argumento externo da subordinada não teve seu traço de Caso checado e, portanto, ainda pode estar ativo para a computação não havendo violação de Cobiça (Chomsky 1993), e (ii) não há violação da Condição de Último Recurso, uma vez que há traços para serem checados na matriz.

Resta entender o porquê de este movimento não ser visível. Uma resposta que pode ser considerada é a de Hornstein (comunicação pessoal). Hornstein, assumindo uma teoria de movimento por cópia, sugere que se apaga em uma cadeia de movimento aquele elemento que não conta com Caso. Como o argumento externo nunca é licenciado através de checagem de Caso, mas tematicamente, em uma língua ergativa, é igualmente possível apagar a cópia na matrix ou o elemento gerado na subordinada. De fato, estruturas onde se apaga o elemento da subordinada são igualmente possíveis no kadiwéu:

(77)	yowoGodi	João	me	yema:	Maria
	<i>y-owo-God</i>	<i>João</i>	<i>me</i>	<i>y-ema:n</i>	<i>Maria</i>
	3ERG-saber-tran	João	COMP	3ERG-gostar	Maria

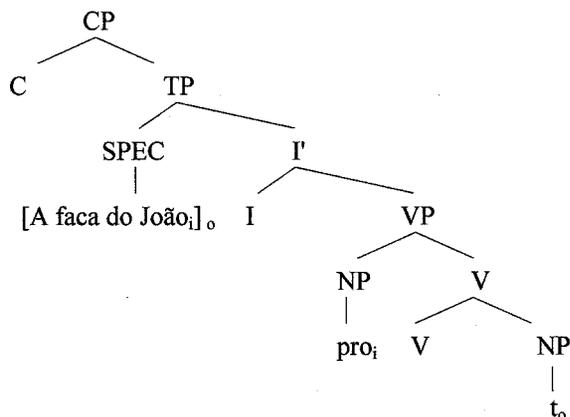
'João_i sabe que < >_i gosta de Maria./João sabe gostar de Maria.' ²⁴

Resta agora entender a “violação” da Condição C em estruturas monoclausais, como em (2). Se o argumento interno é mesmo alçado para o especificador do sintagma flexional em estruturas ergativas, como pro-

²⁴ Uma oração iniciada pelo complementizador *me* é sempre ambigua entre uma oração finita ou infinitiva (controle) no kadiwéu em todos os casos discutidos neste texto, estando a categoria vazia na oração matriz ou na encaixada.

posto na seção anterior, há um nível onde o argumento interno está mais alto na estrutura sintática que o argumento externo:

(78)



Na estrutura sintática acima, a categoria vazia não c-comanda o sintagma nominal, ao contrário disso, ela é c-comandada pelo sintagma nominal. É uma interpretação onde a Condição C aparenta ser violada, como aquela em (2), deixa de ser surpreendente.

6. Considerações Finais

Fukui & Speas (1986) explicam as chamadas propriedades não-configuracionais do japonês propondo uma variação paramétrica de acordo com a qual categorias funcionais podem estar ou não presentes. Para os autores certas propriedades sintáticas do japonês, chamadas anteriormente de “não-configuracionais”, são decorrentes de esta língua não contar com categorias funcionais. Fukui & Speas, entretanto, admitem que o japonês conta com I, mas esta eles afirmam que esta categoria é defectiva no fato de ela não poder projetar. Ora, embora defectiva, o japonês conta, então, com uma categoria funcional. Além disso, sabemos que o japonês conta com o verbo leve *suru* (Grimshaw & Mester 1988). A proposta de Fukui & Speas não parece, à primeira vista, estar correta. É possível, entretanto, redefinir a proposta de Fukui & Speas dizendo que categorias funcionais podem projetar (ser completas) ou não (defectivas). Segundo esta

redefinição, não se trata de dizer que há uma variação paramétrica entre possuir ou não categorias funcionais, mas há uma variação entre possuir ou não categorias funcionais completas. Chomsky (1999/2000) admite, de fato, que categorias funcionais podem ser completas ou defectivas. Este texto afirma que a violação da Condição C no kadiwéu é decorrente do fato de *v* poder ser defectivo nesta língua. A proposta aqui desenvolvida, portanto, está de acordo com o *insight* de Fukui & Speas de que algumas das propriedades associadas tradicionalmente à não-configuracionalidade, aqui a violação da Condição C, são decorrentes das propriedades das categorias funcionais presentes na língua.

Recebido em setembro de 2000
Aprovado em novembro de 2001

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Steven. 1982. Where is Morphology? *Linguistic Inquiry* **13**: 571-612.
- BAKER, Mark. 1988. *Incorporation. A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- _____. 1989. Object sharing and projection in serial verb construction. *Linguistic Inquiry* **20**: 513-53.
- _____. 1995. *The Polysynthesis Parameter*. Oxford: Oxford University Press.
- BAKER, Mark & Kenneth HALE. 1990. Relativized Minimality and pronoun incorporation. *Linguistic Inquiry* **21**:289-297.
- BITTNER, Maria & Ken HALE. 1996. The Structural Determination of Case and Agreement. *Linguistic Inquiry* **27**: 531-604.
- BRAGGIO, Silvia. 1981. Aspectos fonológicos e morfológicos do kadiwéu. UNICAMP, Dissertação de mestrado.
- CERIA, Veronica & Filomena SANDALO. 1995. A Preliminary Reconstruction of Proto-Waikurúan with Special Reference to Pronominals and Demonstratives. *Anthropological Linguistics* **37**:169-91.
- CHOMSKY, Noam. 1970. Remarks on Nominalization. In R. Jacobs & P. Rosenbaum (eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, MA: Ginn.
- _____. 1981. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- _____. 1993. A Minimalist Program for Linguistic Inquiry. In Kenneth Hale and Jay Keyser (eds.) *View from the Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press.

- _____. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press.
- _____. 1998. Minimalist Inquiries: The Framework. *MIT Occasional Papers in Linguistics* 15.
- _____. 1999/2000. Derivation by phase. MIT ms.
- COSTA, João. 1998. *Word Order Variation: A constraint-based approach*. Holland Academic Graphics.
- DIESING, Molly. 1992. *Indefinites*. Cambridge: MIT Press.
- FUKUI, Naoki & Margareth SPEAS. 1986. Specifiers and Projections. *MIT Working Papers in Linguistics* 8.
- GUILFOYLE, Eithne, Enriquetta HUNG & Lisa TRAVIS. 1992. SPEC of IP and SPEC of VP: Two Subjects in Austronesian Languages. *Natural Language & Linguistic Theory* 10: 375-414.
- GRIFFITHS, Glyn. 1973. Numerals and demonstratives in Kadiwéu. *Arquivos de Anatomia e Antropologia* I. 63-67. Rio de Janeiro, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques.
- _____. 1987. *Relative Clause Formation and other Word Parameters in Kadiwéu*. Reading University master thesis.
- _____. 1991. *Wh-movement in Kadiwéu*. Reading University Ph.D. dissertation.
- GRIFFITHS Glyn & Cynthia GRIFFITHS. 1976. *Aspectos da língua Kadiwéu*. Brasília: Série Lingüística 6, Summer Institute of Linguistics.
- GRIMSHAW, Jane & Armin MESTER. 1988. Light verbs and θ -marking. *Linguistic Inquiry* 19: 205-232.
- HALE, Kenneth. 1983. Walpiri and the grammar of nonconfigurational languages. *Natural Language and Linguistic Theory* 1: 5-49.
- _____. 1996. U.G. and the Roots of Linguistic Diversity. *MIT Working Papers in Linguistics* 28: 137-162.
- HALE, Kenneth & Jay KEYSER. 1993. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In Kenneth Hale and Jay Keyser (eds) *The View from the Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press.
- HALLE, Morris & Alec MATANTZ. 1993. Distributed morphology and the pieces of inflection. In Kenneth Hale and Jay Keyser (eds) *The View from the Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press.
- HORNSTEIN, Norbert. 1999. Movement & Control. *Linguistic Inquiry* 30: 69-96.
- JELINEK, Eloise. 1984. Empty Categories, Case, and Configurationality. *Natural Language & Linguistic Theory* 2: 39-76.

- _____. 1993. Ergative 'Splits' and Argument Type. *MIT Working Papers in Linguistics* **18**: 15-42.
- KAYNE, Richard. 1994. *The Antisymmetry of Syntax*. MIT Press.
- KEENAN, Edward. 1975. Some universals of passive in Relational Grammar. *Papers from the Eleventh Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. 340-353.
- _____. 1980. Passive is phrasal. In Teun Hoekstra, Harry van der Hulst, and Michael Moortgat (eds.) *Lexical Grammar*. Dordrecht: Foris: 181-213.
- NASH, Léa. 1995. *Portée argumentale et marquage casuel dans les langues SOV et dans les langues ergatives: l'exemple du géorgien*. Thèse de Doctorat, Université Paris-8.
- _____. 1997. La Partition Personnelle dans les Langues Ergatives. In *Les Pronoms: Morphologie, syntaxe et typologie*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vicennes.
- RIZZI, Luigi. 1990. *Relativized Minimality*. MIT Press.
- SAITO, Mamoru. 1985. *Some asymmetries in Japanese and their theoretical implications*. MIT dissertations in Linguistics.
- SANCHEZ LABRADOR, José S. I. 1760. *Gramática Eyiguayegi-Mbayá*. Según el manuscrito del siglo XVIII. In B. Susnik. 1971. Familia Guaycuru. 1-166. Asunción, Paraguay: Museo Etnográfico "Andrés Barbero". (Lenguas Chaqueñas 1.)
- SANDALO, Filomena. 1995. *A Grammar of Kadiwéu*. University of Pittsburgh Ph.D. dissertation.
- _____. 1997. A Grammar of Kadiwéu with Special Reference to the Polysynthesis Parameter. *MIT Occasional Papers in Linguistics* **11**.
- SANDALO, Filomena & Peter GORDON. 1999. Acquisition and Creolization of Condition C "violations" in Kadiwéu and Portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* **36**.
- SAPIR, Edward. 1921. *Language*. New York: Hartcourt, Brace & World.
- SEBBA, Mark. 1987. *The syntax of serial verbs: An investigation into serialization in Sranan and other languages*. Amsterdam: Benjamins.